



NOSSA CLASSE

Pela organização independente dos trabalhadores!
Sob o programa de revolução proletária!

Boletim Sindical do Partido Operário Revolucionário

Ano XVII - 17 de outubro de 2021

(11) 99990 3179

nossa.classe@hotmail.com -- www.pormassas.org
fb.com/massas.por -- anchor.fm/por-massas

POLÍTICA OPERÁRIA

A greve na GM mostrou a coragem dos operários e a covardia das direções sindicais

Para defender os salários, empregos e direitos, é necessária a unidade na luta da classe operária! Somente com independência de classe e novas direções, classistas e revolucionárias, será possível aos sindicatos defender as reivindicações! É preciso construir as oposições sindicais classistas em todas as fábricas, para varrer com os burocratas traidores!

A greve da GM de São Caetano foi um movimento que colocou a defesa dos salários, empregos e direitos, de forma concreta, para o conjunto dos explorados. Suas principais reivindicações eram: um AUMENTO REAL DE SALÁRIOS de 5% acima do INPC, um VALE ALIMENTAÇÃO de R\$ 1.000,00, a ESTABILIDADE NO EMPREGO aos trabalhadores lesionados. Ficou claro, mais uma vez, que os patrões, mesmo uma multinacional que lucra bilhões, como a GM, farão de tudo, para não conceder o mínimo de aumento de salários. Como sabemos, mesmo que a GM atendesse a reivindicação dos trabalhadores, de 10,42%, mais 5% de aumento real, ainda assim, longe estaria de repor o aumento real de preços dos alimentos e serviços dos últimos 12 meses

Lutar por aumento real de salários é a resposta proletária à alta dos preços dos gêneros de primeira necessidade, que subiram bem mais que a inflação oficial. O mesmo acontece com o vale alimentação. Os pouco mais de 10 reais por dia que a empresa paga não dão para nada. E a estabilidade aos lesionados era um DIREITO que a empresa queria cortar, para poder demitir livremente.

Uma luta que é de todos

Reivindicar o reajuste dos salários de acordo com a inflação real, por um piso salarial – um salário mínimo vital, que seja suficiente para manter os trabalhadores e suas famílias –, estabilidade no emprego a todos, e defesa dos direitos conquistados, deveriam fazer parte da luta de todas as categorias, num movimento unitário nacional. As campanhas salariais metalúrgicas deveriam tomá-las como ponto de partida para a luta unitária. Se os sindicatos metalúrgicos iniciassem um movimento real por elas, poderiam construir um ponto de partida e referência para os outros movimentos. Poderíamos caminhar para a elaboração de uma carta de reivindicações, que unisse todos os oprimidos do País, e servisse de base para um dia nacional de luta, com paralisações

e bloqueios, como um passo no sentido de uma greve geral. Nada disso acontece. Os sindicatos estão paralisados, negociando com os patrões a perda de direitos, arrocho salarial e formas de demissões. E, quando se movem, é para convocar os operários a servirem à política burguesa de esperar pela troca de um governo burguês por outro, que supostamente atenderia às reivindicações. Uma lorota, que faz com que os operários não se mobilizem agora, e sofram com o não atendimento das reivindicações no futuro, também.

Quando os operários de uma fábrica decidem fazer diferente, lutar pelas reivindicações agora, o que fazem as direções?

A política das direções das centrais sindicais

A direção do sindicato de São Caetano, da Força Sindical, traiu descaradamente a greve. Durante o movimento, recusou-se a chamar uma assembleia da fábrica, que unisse os operários dos turnos e os terceirizados, num só movimento. Mandou os operários ficarem em casa e não se mobilizarem nas ruas. Rechaçou o piquete. Quando a justiça patronal determinou a volta ao trabalho, se submeteu completamente, e sabotou a greve, mesmo com a maioria operária tendo votado pela continuidade do movimento, porque as principais reivindicações não tinham sido atendidas. Abandonou os operários, nem mesmo foi à porta da fábrica para fazer uma nova assembleia para terminar a greve.

A direção da CSP-Conlutas esteve na fábrica. Publicou seu apoio à greve. Pura formalidade. Tem a direção do Sindicato de São José dos Campos, onde está outra unidade da GM. Convocou uma assembleia para discutir como apoiar ou se juntar à greve dos operários de São Caetano? Não. Na campanha salarial, trabalhou para que se levantassem as reivindicações de aumento dos salários acima da inflação, estabilidade no emprego e defesa dos direitos? Não. Fez um acordo de reposição com índice fajuto do governo, muito abaixo das necessidades operárias. Esteve na porta da fábrica no dia

seguinte ao que os operários votaram pela greve, contra a imposição da direção sindical e da justiça patronal? Não. Com seu “apoio formal”, contribuiu para a derrota da greve.

As direções dos sindicatos da CUT também estiveram na fábrica. O que fizeram para que a greve se fortalecesse? Nada. Não convocaram as assembleias nas fábricas das cidades vizinhas, nem em nenhum outro local, para discutir e aprovar um apoio efetivo, seja com greve ou com manifestação de rua. Estiveram na porta da fábrica no dia seguinte ao da aprovação corajosa da continuidade da greve pelos operários? Não. Também têm responsabilidade pela derrota do movimento.

As lições da greve

A greve na GM, se vitoriosa, poderia tornar-se uma referência para os trabalhadores da região, e até nacionalmente, na defesa efetiva dos salários contra a alta do custo de vida. O aumento salarial acima da inflação seria um exemplo concreto a ser seguido. Isso levou a justiça patronal a decretar o fim da greve e a volta imediata ao trabalho, sem o atendimento das principais reivindicações. Para isso, contou com a colaboração decidida da direção sindical. Mas, os operários da GM deixaram lições valiosas com seu movimento.

Mostraram como se defende de verdade os salários, empregos e direitos. Mostraram que os operários não devem aceitar as imposições patronais e da justiça burguesa. Quem decide sobre a greve operária são os próprios operários, e mais ninguém. Mostraram disposição de luta e coragem, que ousou derrotar a direção sindical na assembleia, mesmo sem ter direito à palavra. A voz dos operários só se expressou por meio do boletim Nossa Classe. Mostraram a necessidade de ter a democracia operária nas assembleias, para poderem defender e por em prática suas decisões de maioria. Mostraram a necessidade de varrer com a direção burocrática e conciliadora, submissa aos patrões e à justiça burguesa, e erguer novas direções, classistas e combativas, a partir da construção de oposições classistas nas fábricas.

ZANETTINI BAROSSO AMEAÇA OPERÁRIOS E JOGA COM BANCO DE HORAS

Em assembleia realizada no dia 8/10, houve o anúncio do pagamento da PLR, no valor de R\$ 2.000. Apesar do valor ser menor que o pedido pelos trabalhadores, os patrões ameaçaram, dizendo que vão pagar, mas que isso será cobrado. Não custa lembrar que queriam ampliar a exploração, impondo o aumento de 4 horas na jornada semanal.

Junto a isso, pela segunda vez em menos de três meses, a ZB mandou parte dos funcionários ficar em casa por 10 dias, devido ao fechamento da Toyota. Repete o que fez em agosto, com 180 funcionários.

A ação do Nossa Classe

O boletim Nossa Classe ainda defendeu que a greve se fortalecesse e se ampliasse: com a convocação de assembleia geral unitária da fábrica, dos turnos e dos terceirizados; a convocação de assembleia geral metalúrgica; a realização de greve ativa, nada de ficar em casa, ira às ruas e avenidas, para afetar a economia e ganhar apoio da população assalariada; que as centrais organizassem as assembleias presenciais para discutir e deliberar pelo apoio efetivo, com greves e manifestações; que discutissem e aprovassem uma carta de reivindicações em defesa dos salários, empregos e direitos, a ser defendida com um dia nacional de luta, com paralisações e bloqueios por todo o País.

Estivemos na fábrica, para ajudar os operários a organizar a continuidade da greve, mesmo com a traição da direção do sindicato. Mas a conduta criminosa da direção conseguiu desintegrar a unidade grevista e, sem unidade, os operários não têm a força necessária para derrotar os patrões.

Levamos aos operários de todas as fábricas que podemos atingir com o boletim a luta dos operários da GM, com o propósito de que tomemos esse movimento como lição, para organizarmos em cada local de trabalho a defesa das reivindicações, por meio dos métodos próprios do proletariado, e organizando as oposições sindicais classistas, para derrotar os patrões, os governos e as direções sindicais conciliadoras, covardes e traidoras.

Direção do sindicato traiu descaradamente a greve da GM.

Precisamos de um sindicato que defenda as nossas reivindicações – salário, emprego e direitos!

É preciso organizar uma oposição classista, que defenda a unidade na luta e a democracia operária!

Varrer com os burocratas sindicais pró-patronais, traidores da classe!

Os patrões aproveitam a falta de uma parte dos insumos (chips), que não inviabiliza a produção, para usar o banco de horas e, posteriormente, em um momento de maior demanda de produção, exigir que os trabalhadores reponham as horas, ou seja, que, quando os patrões quiserem, os trabalhadores trabalhem fora de seu horário de trabalho, sem receber a mais por isso.

O Boletim Nossa Classe denuncia as ameaças. Defende a luta pela redução da jornada de trabalho, sem redução dos salários.

O Boletim Nossa Classe é elaborado e distribuído pelo Partido Operário Revolucionário (POR). Só depende das contribuições da classe operária. Seu objetivo é organizar a luta dos explorados em defesa das suas condições de existência, pelo fim do capitalismo e construção da sociedade socialista.